

PRÁTICAS TERAPÊUTICAS BANTU: A CURA POR MEIO DA ÁGUA E DOS VEGETAIS

Maria Sampaio do Nascimento

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Os elementos naturais participam do dia a dia do homem desde as épocas mais remotas de sua presença na Terra. No nomadismo, e mesmo no período neolítico, com a prática da agricultura, a humanidade não abandonou nenhuma forma de extrativismo. É a partir da utilização desses elementos que os espíritos Pretos Velhos realizam as curas espiritual e física. O objetivo desse trabalho é analisar a utilização das águas: de coco, da cachoeira, da chuva, da fonte, do mar, do rio, do poço e da lagoa, e também dos vegetais na realização da cura. Os vegetais podem participar de forma macerados, cozidos, e mesmo na forma in natura no benzimento. Esses elementos se tornam chá e banho para a realização dos saberes e fazeres manipulados pelos espíritos Pretos Velhos. Estes são entidades ancestrais dos povos Bantu que vieram ao Brasil sequestrados pelos portugueses para trabalharem imediatamente como escravizados nas lavouras de café. Estes guias afrodiaspóricos estão presentes como espíritos nos terreiros de religiões de matriz africana. Nesse caso específico escrevo a partir de meu lugar de fala, no Grupo de Umbanda Aprendizes do Amor, juntamente com a minha participação na manipulação dos elementos.

Palavras-chave: Pretos Velhos; Cura; Bantu.

ABSTRACT

Natural elements have been part of man's daily life since the earliest times of his presence on Earth. In nomadism, and even in the Neolithic period, with the practice of agriculture, humanity did not abandon any form of extractivism. It is from the use of these elements that Pretos Velhos spirits perform spiritual and physical healing. The objective of this work is to analyze the use of water from different sources (coconut, waterfall, rain, fountain, sea, river, well and pond) and vegetables in healing. Vegetables can participate in macerated, cooked, and even fresh form in the blessing. These elements become tea and bath for the realization of knowledge manipulated by Pretos Velhos spirits. These are ancestral entities of the Bantu people who came to Brazil kidnapped by the Portuguese to work immediately as slaves in the coffee plantations. These afro diasporic guides are present as spirits in the terreiros (meeting places) of African-based religions. In this specific case I write from my place of speech in Grupo de Umbanda Aprendizes do Amor, together with my participation in the manipulation of the elements.

Keywords: Pretos Velhos; Healing; Bantu.

O objetivo desse texto é analisar as curas realizadas pelos espíritos *Pretos Velhos*¹ por meio da utilização de vários tipos de água e de vegetais. No caso destas ervas, usam-se as folhas, raízes e cascas de árvores. Especificamente escrevo a partir do meu lugar de fala, no terreiro de nome Grupo de *Umbanda*² Aprendiz do Amor, localizado na Rua Hortência, número 312, Bairro Santa Paula I, no Município de Vila Velha, Espírito Santo. A partir de minha participação e observação percebo que os espíritos Pretos Velhos utilizam vários tipos de água e vegetais nos vários ritos como práticas terapêuticas de cura, nos batismos, em casamentos, nos *descarregos*³ e nos *recarregos*⁴.

A partir da orientação dos espíritos Pretos Velhos, as pessoas que participam como assistidos das práticas terapêuticas acreditam na eficácia da água e dos vegetais. Por isso continuam a sua caminhada no terreiro. É relevante para elas o ritual para que percebam o seu envolvimento no processo de cura, além do que, esse fenômeno no terreiro se torna coletivo devido a presença de várias pessoas no recinto que emanam energias formando uma força espiritual que colabora com as práticas terapêuticas.

A cura por meio da água e vegetais são saberes e fazeres oriundos das práticas de cura vindas de África quando chegam ao Brasil os primeiros africanos no século XVI. Esses vieram sequestrados pelos portugueses e foram transformados em escravos para trabalhar na lavoura cafeeira. Eram africanos da etnia *Bantu*⁵, povos que tinham o conhecimento da agricultura e da cura. Nessa época, devido à carência de médicos no Brasil, a população residente cuidava de sua saúde com a colaboração dos saberes e fazeres africanos que são agregados aos saberes e fazeres indígenas brasileiros.

É importante lembrar que hoje os saberes e fazeres dos espíritos Pretos Velhos são utilizados de maneira parecida com os do tempo da escravização. Naquela época os escravizados curandeiros utilizavam os elementos naturais que tinham à sua disposição. Nos terreiros, a memória se dá à partir do uso desses mesmos recursos quando os espíritos eram pessoas. A sabedoria ancestral é lembrada à medida que os espíritos

¹ - Espíritos ancestrais dos africanos diaspóricos que vieram para no Brasil como escravizados.

² - Religião brasileira que recebe influências das tradições religiosas de matrizes africanas, das tradições ameríndias e das tradições católicas.

³ - Práticas de limpeza energética realizadas pelos guias/entidades a todos aqueles que buscam ajuda ao terreiro de Umbanda. É uma limpeza do corpo físico e espiritual. O descarrego pode ser realizado também por meio de banhos de vegetais macerados ou cozidos com água.

⁴ - Práticas utilizadas pelos guias/entidades para doarem energia com o intuito de fortalecer energeticamente aqueles que buscam ajuda ao terreiro de Umbanda. É a imantação após o descarrego. O recarrego pode ser realizado também com banhos de vegetais macerados ou cozidos com água.

⁵ - Etnia vinda do Reino de Congo que atingia as terras de Condo, Angola e Moçambique.

relatam que o uso dos produtos da natureza, apesar da medicina convencional de hoje, curam como no passado. Isso é observado quando as pessoas que foram consultadas por essas entidades narram a sua cura.

O procedimento metodológico utilizado nesse artigo é a etnografia, porque a Umbanda é uma religião oral. Em primeiro lugar é imprescindível saber o momento de chegar ao campo pesquisado. Wagner (2017) alerta que o campo nos surpreende e às vezes podemos nos deparar com acontecimentos imprevisíveis. Peirano (1995) alerta que no trabalho etnográfico, o momento de chegada do pesquisador no campo exige cautela. Mesmo sendo pertencente ao campo pesquisado, precisei da colaboração de outros cambones. É o que Geertz (2008) salienta. Ele argumenta a importância de um contato mais próximo com os interlocutores.

Estar presente no terreiro e a minha participação nos ritos faz com que eu possa relatar os diálogos e as práticas de cura realizadas pelos espíritos Pretos Velhos. Os relatos e diálogos com os espíritos Pretos Velhos e a participação dos assistidos me possibilitaram a realização desse trabalho. As narrativas dos guias ao tratar de cura são prescrições a respeito dos procedimentos empregados por eles para que o *consulente*⁶ seja atendido e que ao sair do terreiro esteja satisfeito e otimista com o atendimento e com a crença de sua cura.

Ao chegar no terreiro o consulente inicia a sua participação no rito. Não tem como escapar dos rituais. Desde o portão de entrada no pátio do terreiro o assistido é orientado a pedir licença ao pôr os pés em um chão que até então não o pertence. Em todo o caminho até chegar ao salão, o consulente encontra lugares considerados sagrados, as firmezas, onde as entidades riscam o seu ponto e acendem uma vela. O assistido é orientado por um membro do terreiro para que ele não se perca em um lugar desconhecido. É sabido que nem sempre o assistido chega ao terreiro de Umbanda com facilidade.

Em certas ocasiões, ao perguntar como adentrou esse recinto, o consulente costuma dizer que procurou um terreiro em momento de desespero alegando que o terreiro foi o último lugar que foi em busca de ajuda. Observando diálogos entre consulente e guia, percebo situações de intolerância religiosa por parte da sociedade mal informada a respeito dos ritos da Umbanda. A forma como as informações ao tratar da Umbanda

⁶- Consulente ou assistido é a pessoa que procura um terreiro de Umbanda em busca de ajuda e de cura.

chega aos ouvidos do público me remete a maneira como o eurocentrismo marginalizou os saberes e fazeres africanos dando um tom pejorativo às manifestações afrodiáspóricas.

Em minha participação nessa religião, analiso que em algumas situações o público vai em busca dessa prática religiosa por curiosidade e, às vezes para constatar se realmente procede os comentários por parte de pessoas mal informadas. A diabolização da Umbanda é um dos motivos que levam curiosos aos terreiros de religiões afro-brasileiras. À partir da chegada dos africanos no Brasil, a discriminação sofrida pelos escravizados por serem negros e as suas manifestações religiosas criaram um universo marginalizado segundo os europeus, devido a Europa ser um continente majoritariamente cristão.

Mas, por meio de diálogos, informações, bom senso e serenidade, o chão do terreiro de Umbanda é responsável para explicitar as dúvidas que pairam a respeito dessa religião. São nas encruzilhadas da vida que, como umbandista, busco os entendimentos para a jornada e o compromisso de me envolver numa prática religiosa marginalizada desde que o primeiro africano curandeiro chegou em terras brasileiras. Mesmo que útil para a sociedade da época, que necessitava de seus serviços em prol da saúde, esse africano era discriminado por utilizar de *mandinga*⁷ para a cura da população que não contava com a medicina convencional. Ao me referir ao termo encruzilhadas, estes seriam os vários caminhos que se cruzam como forma explicar, entender e analisar situações que às vezes são necessárias para ilustrar uma religião que agrega saberes de outras práticas religiosas.

São nas encruzilhadas onde encontram-se as mandingas de cura. Nessas encruzilhadas encontram-se a crença nos guias, a fé, a devoção nas entidades, os segredos, os mistérios e a constatação de que esses elementos são capazes de proporcionar a cura com a manipulação dos vegetais e da água realizadas pelos espíritos Pretos Velhos. No momento desse encontro, a mandinga é realizada como fenômeno para aqueles que buscam a Umbanda como o último refúgio a aliviar as suas dores, tornando a encruzilhada um lugar sagrado.

⁷- Mandinga/mironga é a prática de cura nos terreiros de Umbanda. É um termo Bantu referente à magia, feitiçaria e bruxaria.

ELEMENTOS CURATIVOS

A Água

Nas práticas terapêuticas na Umbanda, a cura não se dá só com os sentimentos e emoções do doente e dos participantes do ritual. Certos elementos da natureza são utilizados como meio nestas práticas terapêuticas. A água é um dos elementos mais usados juntamente com as ervas, folhas, raízes e casca de árvore. Especificamente nesse trabalho me dedico a cura por meio das mandingas dos espíritos Pretos Velhos. Como esses guias são ancestrais Bantu, afirmo que a prática terapêutica aqui relatada diz respeito apenas a esses espíritos ancestrais afrodiaspóricos.

Nesse trabalho relato apenas a cura por meio dos espíritos ancestrais africanos e os elementos utilizados por eles nos ritos. Portanto, afirmo que sempre foi necessário os elementos naturais para que os povos Bantu realizassem os rituais de cura. É como se a natureza fosse sinônimo de sua etnia Bantu, de sua identidade e de seu pertencimento. Para o umbandista e para alguns assistidos, os ritos apresentados nessa prática religiosa de matriz africana tem um grande significado. Alguns ritos como batismo e casamento são confirmados na Umbanda, e a água e os vegetais são usados. Portanto, os ritos de cura são o motivo da existência dessa religião. A partir desse motivo, faço as referências acerca da natureza.

Há alguns anos, comecei a assistir as *giras*⁸ no Grupo de Umbanda Aprendizes do Amor que tem a sigla de GUAA. Como sempre senti uma grande atração por essa religião decidi que queria me tornar membro do terreiro. Assistir as giras e ser atendida pelas entidades já não bastava para mim. Me dirigi ao *cambone*⁹ que convidava os assistidos para adentrarem o espaço de atendimento e pedi que ele me indicasse com quem falar para me tornar membro do terreiro. Com muita gentileza o cambone me encaminhou ao Caboclo Junco Verde, guia que coordena a gira.

O Caboclo Junco Verde incorpora no *médium*¹⁰ Horacio Xavier, um homem forte e alto, de cabelos e barbas ruivos. Horacio é poeta e atualmente é presidente da Academia Vila Velhense de Literatura. É uma pessoa carismática e referência como chefe de terreiro.

⁸ - culto religioso nos terreiros de Umbanda.

⁹ - membro ajudante no terreiro de religiões de matrizes africanas. É o intérprete e tradutor dos guias. É o cambone que faz o elo entre entidades e assistido.

¹⁰ - Termo usado para as possibilidades de comunicação com o plano espiritual. Se comunica com o mundo espiritual através da incorporação.

O Caboclo disse que eu era muito bem vinda como membro. A partir desse momento me tornei cambone. Como *membro*¹¹ que não *incorpora*,¹² eu me interessei pela observação dos rituais de cura que acompanhava em alguns momentos, e em outros momentos, participava dos ritos como a que “põe a mão na massa”.

Comecei participando como observadora, e com o tempo adquiri a confiança das entidades, escolhendo as ervas, em outros momentos folhas, mas também escolhia as raízes e cascas de árvores. O cambone deve se comprometer em colaborar com as entidades, mas principalmente com o assistido, que a grosso modo, posso dizer que trata-se de uma pessoa necessitada que, em alguns momentos encontra-se desesperada em encontrar uma solução para seus problemas. Portanto, o cambone além de discreto deve ser ético, devido o que ouve do consulente. Este precisa sentir confiança no cambone devido à cumplicidade diante de assuntos às vezes comprometedores.

Nesse tempo que estou cambonando ouvi histórias de vida acerca de doenças e assuntos judiciais. Infelizmente ocorre momentos que a entidade pede que o cambone se afaste de sua conversa com o assistido, não por falta de confiança no cambone. Não existe pré-requisitos como uma formação para se tornar cambone. O aprendizado acontece no chão do terreiro. É uma experiência em cada gira, isto é, cada ritual é distinto do outro. Durante esse tempo que me encontro no terreiro, tenho presenciado situações que se relatar nunca será o bastante. Interessante seria se as pessoas presenciassem o que ocorre em cada gira.

A complexidade de uma gira se dá exatamente pela sua simplicidade. Como estamos acostumados aos ritos ocidentais, a gira é um tanto simplificada porque estão presentes os elementos da natureza e os guias. Para aqueles que acreditam, os espíritos se tornam amigos e amigos costumam trocar segredos. Assim aprendi muitas técnicas de cura com poucos elementos. Os guias espirituais costumam confiar alguns segredos que não cabe aqui relatar devido à gravidade de cada assunto ao tratar dos consulentes e dos segredos do efeito das ervas.

Como já foi citado anteriormente, no terreiro do GUAA, os espíritos Pretos Velhos costumam utilizar os elementos da natureza em suas consultas e receitar água, raízes,

¹¹- Pessoas que formam o corpo do terreiro, exceto a assistência.

¹²- Incorporação não significa perder o corpo físico para uma entidade espiritual. Existem variadas formas de incorporação, da consciência total à perda dela. Com a consciência total ou parcial o médium estabelece um contato com sensações espirituais, ouvindo-as, sentindo-as movimentar seu corpo. Nesse sentido há uma perda parcial dos movimentos que são comandados pela entidade.

casca de árvores, folhas e ervas. Sempre o elemento água está ligado ao elemento erva nas mandingas desses ancestrais. Segundo esses guias, a água mais pura da natureza é a água da fonte, e eles garantem que onde existe uma fonte, encontra-se também um portal. Essas entidades dizem que a água da fonte vem do interior da terra e funciona como remédio para variados tipos de doença. Para os espíritos Pretos Velhos, a água de fonte juntamente com a fé curam qualquer doença física ou espiritual.

De acordo com os sábios curandeiros da Umbanda, o homem não precisa de remédio feito pelo homem. O criador deixou a doença para que o ser humano aprenda com os seus erros. Se o homem destrói a natureza ele convida a doença para o seu corpo físico e espiritual. Destruir a natureza é buscar a doença. Para essas entidades o homem é conhecedor das leis naturais. Depois que fica doente o homem se desespera por saber que ele mesmo foi o causador de sua doença. Nesse caso o sofrimento vem para aquele que acredita em sua auto suficiência.

Conforme as entidades espirituais, a água é o melhor remédio. Infelizmente, o avanço do progresso destrói esse bem necessário que conforme estes argumentos é um líquido vital, principalmente para o homem. A respeito de outro tipo de água, os vovôs se dirigem à água de coco como um remédio poderosíssimo. É a água que mistura açúcar e sal. No caso de pessoas que precisam organizar as ideias, a sugestão é lavar a cabeça com essa água. Apesar da gordura que a água de coco possui, ela não tem contra indicação. O mesmo não se pode dizer da água de cachoeira. Essa não deve ser ingerida. A sua função é descarregar o corpo de qualquer mal. É mais ou menos a função da água do mar. É uma limpeza espiritual.

Como relata as entidades, a água da cachoeira pode ser jogada no corpo da cabeça aos pés. Tipos diferentes de água com tipos diferentes de função. As águas de poço e de lagoa devem se evitar jogar na cabeça. Também não devem ser ingeridas devido à presença de alguns animais que se banham nesses lugares. Esses seres deixam tipos de energia não recomendadas ao ser humano. Quanto à água da chuva, essa deve ser utilizada in natura, no momento exato da chuva. A água da chuva vem do céu conforme palavras dos espíritos. Ela tem energia do raio e da trovoada. É água de força. Tem poderes específicos para as pessoas que precisam de coragem.

A respeito da água do mar, é a água para relaxar o corpo. É a massagem natural para o espírito. Ela leva e traz energia por meio de suas ondas. Descarrega e recarrega. Já a

água do rio serve para adoçar, para acalmar. O fator primordial da água do rio é a certeza de que o que ela levar de seu corpo vai direto para o mar sagrado conforme a linguagem dos espíritos Pretos Velhos. A sabedoria das águas funciona com a mandinga dos ancestrais afrodiaspóricos. São esses espíritos que trazem com eles os saberes e fazeres do poder da água.

Os Vegetais

De acordo com as narrativas dos espíritos Pretos Velhos, os vegetais trazem com eles a força da terra, a força da cura de *Omulu*¹³, o senhor da terra. As entidades argumentam que quando os seus corpos físicos foram enterrados e tiveram contato com as raízes das plantas aí se deu a sua sabedoria. Aqui os vegetais estão representados pelas ervas, raízes, folhas e cascas de árvore. O Preto Velho Pai Joaquim de Angola me disse certa vez que, no seu ponto de vista, a casca da aroeira se trata do remédio mais poderoso do mundo. Em suas palavras, esse espírito "profundo conhecedor de mato" relata que infelizmente o homem é o maior destruidor da natureza; logo, interpretou que o homem é um suicida porque matando a natureza o homem se mata porque o homem é a natureza.

Em diálogos com essas entidades percebo a sua sabedoria ancestral e a prática da cura trazida de África e praticada aqui no Brasil, no passado como escravizados e hoje como espíritos. Mas, seus saberes e fazeres não se modificaram apesar de sua morte física. A sabedoria é transmitida pelas entidades e afirmada na crença daqueles que buscam ajuda nos terreiros durante as giras dos espíritos Pretos Velhos. Durante os ritos, os espíritos praticam tais saberes por meio das águas e vegetais.

A Preta Velha Vovó Isaura é um espírito que utiliza ervas e folhas maceradas por ela e pela/o cambone em uma bacia de ágata. A vovó cuida de seus assistidos dando massagem nas pernas e nos braços, lavando a cabeça e ensinando aos mesmos a quantidade de ervas utilizadas nos chás. Em um rito, esse espírito afrodiaspórico relatou que já auxiliou em muitas curas com a colaboração do próprio consulente, com a água, com as ervas e com a colaboração do cambone formando a mandinga. Para essa Preta Velha a cura se dá por meio da manipulação desses fatores.

¹³- Orixá responsável pela morte e pela cura; aquele que conduz o homem à sua origem, a terra. É o orixá ligado à terra e à da palha.

Os Pretos Velhos costumam massagear os consulentes com ervas. Eles argumentam que cada erva tem a sua função. É relevante observar que os guias sabem exatamente a quantidade de folhas e ervas para o preparo de chás e banhos. Explicam também que nem todas as ervas e folhas servem como chás. Algumas ervas são tóxicas. Algumas podem ser maceradas, outras devem ser cozidas só no vapor. De acordo com os Pretos Velhos a cura existe porque antes dela vem a doença. Eles fazem a observação que cada pessoa é única e cada uma deve ser tratada de modo distinto.

Segundo os guias, as pessoas devem ser tratadas cada uma de forma distinta da outra. A justificativa é que cada pessoa tem um espírito e não se separa corpo e espírito no tratamento de uma doença. As entidades cuidam dos dois juntos. Por isso é necessário um tipo de erva para cada pessoa e para cada tipo de doença. Conforme a doença, o assistido deverá tomar banho ou chá. Mas, às vezes, basta a pessoa simplesmente carregar próximo de seu corpo uma erva como proteção. É sabido por parte dos Pretos Velhos que ocorre de uma pessoa ter apenas uma doença espiritual.

No caso de doenças espirituais, as entidades costumam, além de recomendar banhos e chás, também sugerem ao assistido as preces. Segundo elas, pode ser mal olhado ou mesmo um espírito que está encostado na pessoa que se apresenta doente. Os guias dizem que o seu compromisso em relação ao consulente é orientar acerca de seu problema e sugerir que siga as suas recomendações. Cabe ao consulente tomar as suas decisões. Ao cambone é sugerido que ajude na conversa. Infelizmente alguns cambones interferem nas consultas. Nesse caso, a entidade que cuidou do caso comunica ao chefe da gira que tome algum tipo de providência em se tratando dessa atitude. É necessário o cambone entender que ele é um colaborador/assistente das entidades. Quanto às consultas, essas são de responsabilidade dos guias, e a nós humanos cabe acreditar ou não dos ritos.

O terreiro de Umbanda funciona como casa de caridade e existem várias formas de praticá-la. É também uma espécie de laboratório onde experimentamos a fé e querendo ou não julgamos o que presenciamos. É um envolvimento de todos e cada um na sua função. Durante os rituais, utilizamos elementos simples e confiança no que diz respeito a fé. Os elementos agregados à fé fazem com que a manipulação de ervas e água funcionem. Acreditar no que vê e no que sente é primordial para se obter o resultado desejado.

Os Pretos Velhos citam que “não se recebe o que não é de seu merecimento”. Tem esse ditado para ser agregado à manipulação dos elementos da natureza. Mas o resultado final está na mandinga dos espíritos Pretos Velhos. É quando entra em ação o mistério, o segredo. É aquele momento que nós umbandistas acreditamos nos saberes e fazeres das entidades sem questionar, apenas cremos. É como se os espíritos levassem o nosso espírito para uma outra dimensão, mas sem que ficasse em nossa mente algo que nos lembrasse essa dimensão, esse mundo espiritual. À essa dimensão espiritual os espíritos Pretos Velhos da Umbanda dão o nome de *Aruanda*¹⁴.

Ritos da Umbanda: confirmar, afirmar e pertencer

Ser umbandista é ter compromisso com o mundo dos espíritos ou com o mundo dos mortos. É acreditar no que não se pode ver, mas sentir, viver e respeitar. É dialogar com uma alma sendo que essa alma tem uma identidade e um pertencimento. É crer sem se preocupar que quem não acredita duvide de você. Com o passar do tempo nos acostumamos e os ritos se tornam fenômenos naturais em nossa vida. Mesmo tendo giras todos os sábados, a sensação que algo de interessante acontecerá nos move a voltar no próximo evento. Posso afirmar que nos eventos os elementos da natureza se fazem presentes.

Giras

Como citado anteriormente, resumo aqui do que se trata uma gira. É um culto. No GUAA ele acontece aos sábados a partir das 15 horas com o término às 18h30min. Nas giras, ocorrem os encontros com as entidades e é proporcionado a todos as conversas com elas. É um momento de ouvir experiências do passado de pessoas que tiveram o privilégio de voltar à terra em forma de espírito após a sua morte física. São as entidades que guiam o terreiro para que a gira possa acontecer. O culto aos mortos é a principal característica dos povos Bantus, etnia dos primeiros escravizados africanos a chegar no Brasil. Outra característica desses povos é a utilização dos recursos naturais em seus ritos.

¹⁴- Morada dos espíritos.

Vegetais e água são manipulados desde o início até o encerramento da gira. Mesmo sem ser utilizadas pelas entidades, é possível encontrar em todos os cantos do terreiro, jarros com água, flores e ervas. Isso ocorre como forma de imantar e incensar o terreiro com as energias desses elementos. Uma energia necessária para dar segurança aos vivos e aos mortos presentes no recinto. O perfume de folhas e ervas espalhado pelos cantos do terreiro dá o tom para que a mandinga aconteça e as entidades afirmem o que acontecerá durante a gira e continuará sem a presença das pessoas.

Batismo

Existem várias formas de batismo, mas no GUAA eles são realizados dentro do terreiro ou na cachoeira. Uma vez ao ano os membros são convidados a irem na cachoeira do Camping de Santa Teresa, localizada no Município de mesmo nome na região serrana do Espírito Santo. A importância dos membros irem é o batismo dos membros novatos e a confirmação dos médiuns que incorporam. Os médiuns que incorporam e que estão indo pela primeira vez devem ter um casal de padrinhos espirituais. É realizada uma gira diferente da que ocorre no terreiro. Os médiuns de incorporação devem confirmar a sua mediunidade e lá estão as ervas de suas entidades.

Mesmo os médiuns que não incorporam mergulham a sua cabeça sob as águas. É feito um descarrego natural. Nesse ritual são levadas muitas flores que são utilizadas para decorar o lugar onde ficamos para a realizar o rito. Também acontece o batismo de pessoas que queiram se tornar umbandistas mesmo que não se tornem membros. Para os membros do terreiro é praticamente obrigatório o batismo na cachoeira. O batismo dos membros e dos não membros é realizado pelos dois chefes do terreiro e de quatro médiuns mais antigos. Todos eles estão incorporados por caboclos por ser a cachoeira um local de difícil acesso. O batismo realizado no terreiro segue o ritual de escolha de um casal de padrinhos. O diferencial é que a pessoa batizada tenha também um casal de padrinhos espirituais.

Casamentos

De vez em quando pessoas simpatizantes da Umbanda realizam o seu casamento. Os dois chefes do terreiro são responsáveis pela cerimônia. Os casais escolhem um casal de

padrinhos e escolhem também um casal de padrinhos espirituais. O terreiro é enfeitado de ervas, folhas e flores. E novamente utilizam-se o vegetal e a água mineral. Frutas também costumam aparecer na decoração. O diferente dos casamentos de outros lugares é a simplicidade na decoração e nas vestimentas. Geralmente o casal está vestido de branco, mas sem pompas. Os membros estão uniformizados e a assistência com a roupa que sempre vai ao terreiro.

Considerações finais

Não há como duvidar dos poder dos vegetais e das águas na interpretação dos umbandistas e daqueles que creem na eficácia dos elementos naturais. Mas, é preciso crer em outros fatores como a devoção, a fé e a crença daqueles que buscam ajuda para os seus males físicos e espirituais. Importante é buscar um meio de viver a prática da cura e saber que espíritos como os dos Pretos Velhos estão à disposição dos que acreditam em suas mandingas e que levarão a outros as práticas terapêuticas realizadas por essas entidades.

Acreditar na eficácia da cura por meio dos diálogos entre assistidos e entidades significa acreditar que existem elementos que contribuem com as práticas alternativas de cura sem que precise ser provada a sua existência. Falo aqui do mistério e segredo que fazem parte dessa religião. É um desafio para aqueles que iniciam a caminhada em uma religião que reúne nas práticas da cura os elementos da natureza, a crença nos espíritos. Ao falar de diálogos é um desafio escrever a partir das conversas com quem você não vê, mas crê que existe; é um desafio epistemológico.

Referências

- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. RJ. LTC, 2014.
- PEIRANO, Marilza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro. RJ: Relume-Dumará, 1995.
- WAGNER, Roy. **A Invenção da Cultura**. São Paulo. SP. UBU Editora, 2017.

